

EDITORIAL

J. ALVES-FERREIRA | L. BACELAR ALVES | S. GOMES

O oitavo número da Kairós vem dar a conhecer projetos e atividades de investigação que têm vindo a ser desenvolvidos pelo CEAACP. Como veremos, é um trabalho que, nalguns casos, se desenvolve há já algum tempo, e, noutros, são iniciativas que nasceram este ano e que prometem contribuir para o desenvolvimento do conhecimento científico e das comunidades com que os investigadores estão a cooperar.

Nos [\[Arquivos da Terra\]](#) podemos visitar paisagens graníticas da pré-histórica recente do território atualmente português. A. Faustino dá-nos a conhecer o estudo do megalitismo da região de Lafões; L. Rocha apresenta o mesmo fenómeno arquitectónico no Alto Alentejo, falando-nos dos trabalhos de campo e dos projetos de divulgação. L. Bacelar e M. Reis revelam-nos um Minho de uma paisagem estruturada pela arte rupestre. Os [\[Territórios da Arte\]](#), por sua vez, mostram-nos outros ofícios artísticos: o projeto de J. Antunes e P. Estudante é sobre a arte do som no passado; a Escola de Verão CEAACP apresentada por J. Antunes, M. L. Craveiro e S. C. Saldanha é sobre a o carácter multifacetado dos ofícios congregados no nosso centro. A terminar esta secção, S. C. Saldanha dá-nos a conhecer a representação do menino Jesus, numa alusão ao tempo em que é publicado este número da revista. Nos [\[Traços das Heranças\]](#) são elencados traços

de escalas muito distintas. F. Capela, M. J. Valente e S. G. Martínez mostram-nos o acumulados de traços de um lugar - o Cerro do Castelo de Alferce; M. R. Costa leva-nos a olhar um mesmo traço a uma escala local - a casa de telhado e açoteia do Algarve calcário; M. Fernandes faz-nos viajar pelo globo para nos falar dos gestos em que se compõem os traços da arquitetura de terra.

A capa que escolhemos para este número é sobre as festividades que marcam o final do ano. Entre os “meninos Jesus” que S. C. Saldanha nos dá conhecer, escolhemos uma imagem em que o nascimento e a morte de Cristo se cruzam numa inquietante alegoria sobre as nossas vidas. No divino da imagem é possível ver a precariedade da condição humana; sempre entre distintos inícios e finais. Esta é uma imagem especialmente significativa nos tempos em que vivemos; são tempos em que as celebrações se fazem acompanhar da tristeza daqueles que partem. Para além dos números que todos os dias conhecemos, há uma incomensurabilidade de vidas que se fecham agora num tempo em que se abre o novo ano. São mortes que, como sempre, acontecem quando mais vidas e novas esperanças vêm pontuar as nossas paradoxais condições de existência. Na nudez da imagem, no que de alegórico aí existe, é de pensar na nossa fragilidade e na força de pensar no futuro.



Diffused Reality: space, memory, text.

Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) | Campanha de escavações de 2009. (Polaroid de Joana Alves-Ferreira)



**arquivos da
terra**

